

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTICIÁRIO BIBLIOGRÁFICO. ANTONIO GARCIA Y BELLIDO - COLONIA AELIA AUGUSTA ITALICA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1961 | Número: 71

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Noticiário Bibliográfico. Antonio Garcia y Bellido - Colonia Aelia Augusta Italica. *Revista de Guimarães*, 71 (3-4) Jul.-Dez. 1961, p. 466-469.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

mente lápides funerárias e aras votivas, agrupados segundo as características da sua formação, constância de determinados elementos, raízes e terminações; por exemplo, nomes com a raiz *Ili-* ou *Ilu-*, topónimos terminados em *-briga*, em *-ippo*, em *-uba*, nomes começados em *Pent-* ou *Pint-*, em *Am(m)-*, em *Clout-*, *Clot-*, *Clut-*, áreas onde se encontram com frequência os nomes respectivamente de *Camalus*, *Talavus*, *Boutius*, *Ambatus*, etc., nomes de rios e de lugares com o sufixo *-antia*, etc. Nestes mapas, há 53 referências a inscrições encontradas em Portugal. Da localização destes agrupamentos onomásticos e do estudo da sua origem linguística, também por sua vez se colhem elementos úteis para a definição da língua que nessas áreas seria falada na época pré-romana.

O trabalho do Sr. Prof. Untermann oferece-nos assim as linhas mestras, ou seja, o esquema do método que ele considera essencial para se chegar a resultados positivos acerca da leitura e interpretação das inscrições pré-romanas correspondentes às línguas que na Hispânia primitiva se falavam, e que ainda não foi possível traduzir e entender.

A excepcional importância deste excelente estudo do Sr. Prof. Untermann incitou-nos a pedir-lhe autorização para o publicarmos, em versão portuguesa, nas páginas desta Revista, o que faremos num dos próximos tomos.

António GARCIA y BELLIDO, *Colonia Aelia Augusta Italica* (Vol. II da «Bibliotheca Archaeologica», do Instituto Español de Arqueologia), Madrid 1960, 168 págs., 64 figuras no texto, XLVIII estampas, 1 planta topográfica.

A uns 10 quilómetros a N. O. de Sevilha, à margem da estrada que dessa cidade conduz a Badajoz, encontram-se as ruínas evocadoras de uma das mais notáveis urbes da antiga Hispânia — *Itálica*, pátria de dois grandes imperadores de Roma, que ali viram a luz do mundo — Trajano e Adriano.

Do pequeno outeiro onde estão situados esses escasos restos do que outrora foi uma sumptuosa cidade, ao pé do moderno povoado de Santiponce, domina-se, a perder de vista, a extensa campina através da qual

serpenteia o Guadalquivir, na direcção de Sevilha, em busca do Atlântico, lá muito mais ao longe.

Entre os vestígios dispersos dessas ruínas que os séculos pouparam, como que para nos darem a visão nítida de quanto é efémero e transitório tudo o que o orgulho dos homens supõe ter construído para a eternidade, emergem, contudo ainda grandiosos e monumentais, chamando a nossa atenção, os restos do enorme anfiteatro, onde há perto de dois mil anos uma multidão de 25.000 espectadores, tumultuosa e febril, aplaudia enebriada as lutas sem perdão, de feras e de gladiadores, que se desenrolavam na arena e regavam de sangue a terra escaldante.

De outras edificações monumentais que a opulenta cidade possuira, como as termas com seus balneários, o teatro, os palácios que marginavam amplas avenidas, só restam hoje escombros de paredes derruídas e ali-cerces que as escavações arqueológicas têm posto a descoberto, mas que já não dão ao visitante a sensação dominadora da sua passada grandiosidade, como a que recebemos ao contemplar as ruínas do anfiteatro.

Cidade fundada por Cipião no começo do século II a. C., após a batalha de Ilipa, depressa progrediu e se foi ampliando, dada a sua excepcional situação na fértil planície da Baixa Andaluzia, outrora integrada no território da Bética, uma das mais progressivas, ricas e civilizadas províncias do Império. Porém, só a partir da época de Augusto, quando *Itálica* alcançou a categoria de Município romano, os dados históricos nos começam a revelar notícias precisas da vida da cidade e dos seus períodos de maior esplendor.

Por sua vez, as escavações ali praticadas, a partir, de meados do século XVIII até começos do nosso século, puseram à vista muitos trechos dos seus monumentos, mosaicos, etc., e contribuíram para a exumação de numerosos objectos avulsos, como bronzes, mármores, cerâmicas, vidros, etc., actualmente recolhidos em diversos museus e colecções. Mas, infelizmente, tais explorações foram, na sua maior parte, levadas a efeito sem método científico, e as famosas ruínas de *Itálica* serviram de campo aberto a antiquários e curiosos, com a simples mira no coleccionismo ou no comércio das antiguidades ali àvidamente procuradas.

Só a partir de 1912, com a criação em Espanha da Junta Superior de Escavações, começaram as pesquisas a ser feitas com maior cuidado e regularidade. Contudo, segundo a autorizada opinião do Professor Garcia y Bellido, autor da excelente monografia destas ruínas cujo título damos no começo desta breve recensão, nunca ali, até hoje, se trabalhou com verdadeiro método, «tanto no que se refere à técnica da escavação, como no respeitante ao estudo dos seus resultados» e «nunca se teve em conta o problema histórico-arqueológico, consequência imediata de uma escavação científica». O mesmo insigne mestre afirma ainda que «demasiadamente ali se tem escavado, em proporção ao pouco que se tem publicado».

Essas faltas, lamentáveis num dos mais notáveis e grandiosos testemunhos monumentais da Hispânia romana, levaram o Prof. Garcia y Bellido a publicar a referida monografia de *Itálica*, um livro modelar redigido com amor, com arte e com erudição. Ninguém poderia, em tão curtas páginas mas intensamente vividas pelo seu autor, elaborar um trabalho mais perfeito e mais completo do que este saído da mão do Prof. Garcia y Bellido.

Nessas breves e sugestivas páginas descreve-se com vivas cores, dentro dos mais rigorosos limites documentais, tudo quanto se conhece da história de *Itálica*, desde a sua fundação até a época imperial, e de aí até os tempos cristãos, visigodos e árabes. Com precisão e sobriedade, o autor chama a nossa atenção para o que resta da cidade, da sua primitiva extensão e traçado, das suas casas, ruas, monumentos, muralhas defensivas e necrópoles. Analisa a sua epigrafia e numismática, os magníficos exemplares da mais pura arte ali encontrados, muito especialmente essa estupenda colecção de esculturas que hoje se guardam no Museu de Sevilha, tais como a cabeça de *Alexandre*, o magnífico nu iconográfico de *Trajano* em tamanho colossal, a estátua de *Hermes Dionysophoros*, a maravilhosa *Venus* encontrada em 1940, considerada um dos mais belos nús femininos, a *Diana* caçadora, quase em perfeito estado de conservação, tida como uma das mais formosas estátuas aparecidas na Península, e tantas outras obras primas que constituem hoje património desse esplêndido Museu, como também as

pertencentes a coleções particulares e a outros museus espanhóis e estrangeiros.

O Sr. Prof. Garcia y Bellido prestou assim, com esta excelente obra de divulgação, um bom serviço a quantos queiram ser devidamente informados da história de *Itália*, antes de uma visita àquelas sugestivas ruínas, vestígios de um passado grandioso, que melhor compreendidos, admirados e vividos serão após a leitura atenta deste livrinho. E dizemos «livrinho», considerando apenas o seu cómodo tamanho portátil, como é próprio de um guia que o visitante deve levar consigo através daquelas ruínas, pois, pelo seu conteúdo, embora resumido, podemos chamar-lhe um «grande e belo livro».

Atlas of the Classical World, edição inglesa do «Atlas van de antieke Wereld» de A. A. M. van der HEYDEN. Editor inglês: H. H. Scullard, Leitor de História Antiga no King's College, da Universidade de Londres. Thomas Nelson and Sons Ltd., Londres 1959. 222 páginas de 15,5×34,5 cm., 475 ilustrações, 73 mapas a cores.

Este magnífico Atlas documentado pela imagem, além da edição inglesa a que nos reportamos, possui já também uma edição alemã publicada posteriormente a esta (ed. Hans E. Stier, 1960), prova do seu reconhecido valor e utilidade para os investigadores. É, de facto, um excelente instrumento de trabalho e consulta permanente, tanto para escolares como para professores de história do mundo clássico.

Ilustrado com numerosos aspectos e respectivas legendas elucidativas dos mais famosos lugares, ruínas e obras de Arte do mundo antigo greco-romano, reparte-se este Atlas em três grandes divisões, a saber:

1.^a) *Do estado tribal ao de nação civilizada*, que abrange os seguintes capítulos: «Pré-história da Grécia», «Formação do povo grego», «O Período clássico» e «Helenismo».

2.^a) *Roma: de cidade a nação*, contendo os capítulos: «A República», «Da República ao Império» e «O Império».

3.^a) *A herança da Cultura Clássica*.

Cada uma destas partes é acompanhada de mapas coloridos, contendo legendas sumárias com indicações históricas e cronológicas acerca dos acontecimentos sociais,